

PELE ESCENCIAL

ESSENCIAL SKIN

Jean Luc Nancy

Tradução e notas: Charles Feitosa

Resumo | Uma descrição fenomenológica da pele, na sua profundidade erótica, ética e estética.

Palavras-chave | Corpo | Toque | Pele |

Abstract | A phenomenological description of the skin, on its erotic, ethical and aesthetic depth.

Keywords | Body / Touch / Skin

Jean-Luc Nancy (nascido em 1940) – é um filósofo francês e autor de mais de 30 livros e 300 artigos. Nasceu em Bordeaux, estudou biologia e filosofia na Sorbonne. Nancy é Professor emérito da Université Marc Bloch em Strasburg. Ele também ensinou filosofia em Colmar, Berlim, Irvine, San Diego e Berkley. Suas obras mais significativas são: *La remarque spéculative* (1973), *L'absolu littéraire* (com P. Lacoue-Labarthe, 1978), *Ego sum* (1979), *L'impératif catégorique* (1983), *L'oubli de la philosophie* (1986), *La communauté désœuvrée* (1986), *Le poids d'une pensée* (1991), *Corpus* (1992), *Le sens du monde* (1993), *Les Muses* (1994), *Être singulier pluriel* (1996), *Hegel – l'inquiétude du négatif* (1997), *L'Intrus* (2000), "Il y a' du rapport sexuel" (2003), *Vérité de la démocratie* (2008), *La Possibilité d'un monde* (2013).

Jean-Luc Nancy (born 1940) – is a French philosopher and author of over 30 books and 300 articles. Born in Bordeaux, he studied biology and philosophy at the Sorbonne. Nancy is Professor Emeritus at the Université Marc Bloch in Strasburg. He has also taught philosophy in Colmar, Berlin, Irvine, San Diego and Berkley.

Most significant works: *La remarque spéculative* (1973), *L'absolu littéraire* (z Ph. Lacoue-Labarthem, 1978), *Ego sum* (1979), *L'impératif catégorique* (1983), *L'oubli de la philosophie* (1986), *La communauté désœuvrée* (1986), *Le poids d'une pensée* (1991), *Corpus* (1992), *Le sens du monde* (1993), *Les Muses* (1994), *Être singulier pluriel* (1996), *Hegel – l'inquiétude do negativo* (1997), *L'Intrus* (2000), *"Il y a' du rapport sexuel"* (2003), *Vérité de la démocratie* (2008), *La Possibilité d'un monde* (2013).

"Fazer-lhe a pele"

Essa frase coloquial em francês significa "matá-lo", ou, metaforicamente, "executá-lo", "reduzi-lo a nada", "acertar as contas com ele". A pele perfurada, esburacada por uma arma, deixa a vida fugir. A pele intacta mantém a vida, guarda-a recolhida em si. Para isso a pele terá que se amarrar em um nó: amarrar sobre si o vínculo rompido do cordão umbilical. Este cordão estendia a pele na massa nutritiva da placenta: esta, no entanto, não se confundia com o corpo da mãe. Ele penetrava o corpo da mãe por pequenas ramificações, mas é formado como um corpo "independente na interdependência" de acordo com uma fórmula que anteriormente se arriscou na política.¹ A placenta sai da mãe do mesmo modo que o filho, mas ela não tem existência própria, desaparece uma vez que sua função se cumpre (em muitos mamíferos a mãe come a própria placenta, retomando-a em sua substância própria).

O umbigo forma a assinatura ou a marca da apropriação: agora há um corpo próprio, totalmente distinto - e que na verdade nunca foi sem distinção, sendo desde o início constituído conforme uma autonomia. A amarração de dois cromossomos se repete na amarração da pele. Mais que uma amarração, na realidade, o aspecto do umbigo é o de um nó, mas é na verdade uma sutura, uma solda do tipo que costumamos chamar de "cicatriz". É um tecido fibroso que se estende dentro do corpo por vários ligamentos, vestígios de vasos que passavam através do cordão umbilical.

Amarração em si, cicatriz do corte: estes dois movimentos, estas duas pulsões e estas duas emoções se mostram sempre precedidas já na

¹[NT: "indépendance dans l'interdépendance" foi uma expressão usada pelo político francês Edgar Faure (1908-1988) para designar o processo de independência do Marrocos, antiga colônia francesa no continente africano.]

sua complementaridade e na sua distinção. A pele se fecha em si mesma, inscrevendo-se como um vestígio do outro, visível para o exterior e atada por dentro. Mais precisamente, é aqui que fora e dentro se repartem e se compartilham de fato. Ao mesmo tempo, existem duas regiões distintas e elas não estão separadas apenas como lugares em um espaço, mas elas são definidas uma em relação a outra: o que se fecha sob a cicatriz exclui o resto e se define aí como uma relação a si mesma, exatamente como faz toda célula viva; mas essa relação consigo mesma se implica ela-mesmo como uma relação com o outro, com o fora. A pele constitui a combinação de ambos, o entrelaçamento de um para o outro ou o fato de que o em "si" se encontra ele mesmo "em" um fora de si para ser "si mesmo".

Eis aí como, em francês, "faire la peau" pode significar "matar" (dizemos também "querer, ter a pele de alguém"). "Fazer" ganha um sentido violento e antifrástico: apoderar-se de e desfazer, danificar, destruir a pele como o envelope e a proteção do outro, como sua demarcação. Abolir a fronteira, abrir o que não é propriamente uma abertura mas uma ferida, uma chaga, uma falha, um corte ou uma brecha.

O sangue flui imediatamente, circulando na pele em si, apenas sob sua última camada exposta ao exterior. Este sangue quando jorra de uma ferida tem em latim um nome específico, *cruor*, que o distingue de *sanguis*, o sangue que circula no corpo. *Cruor* designava de início a carne sangrenta, isto que em francês nomeia-se "viande"² e que se distingue de "chair"³ (como em inglês se distingue "meat" de "flesh").

A carne ["viande"] está morta e pode ser comida, tanto *crua* (também se diz "sangrenta")⁴ como cozida (a palavra "viande" vem de vivenda, daquilo que serve para viver). A carne ["chair"] pode ser usada para descrever a "viande" (uma carne – *chair* – tenra), mas refere-se primeiramente à integralidade e à integridade do corpo vivo, de acordo com a tradução latina (*caro*) do hebraico *basar* (que designa originalmente a substância macia no corpo, depois então o corpo das criaturas como tal, em sua fragilidade).

O esfolado

²[NT: carne enquanto alimento]

³[NT: carne enquanto elemento de um ser vivo]

⁴[NT: "saignante" é uma carne muito mal passada na culinária]

A pele frequentemente é separada da carne (*chair*) morta, que se torna a carne-alimento (*viande*). Arrancada, ela torna-se pele comercial, ou seja, couro, às vezes enfeitada com seu próprio pelo. O que aparece sob a pele traz, em termos anatômicos, o nome de *écorché* [esfolado], uma palavra que se relaciona com *écorce* [casca]: parte exterior e separável de uma árvore (chama-se *cortex* a camada superior do cérebro).

O inglês técnico retoma a palavra 'esfolar', mas para o verbo *to skin* [pelar, descascar], onde a pele torna-se a ação de desanexar a pele ou de a *dépiouter* [pelar], como diz uma palavra francesa coloquial -, bem como o verbo *peler*(descascar).⁵ Este tem sido associada ao vocábulo do francês antigo *pél* (a partir do latim *pellis*) embora ele venha de 'pelo' (do latim *pilus*, que é outra palavra). A pele torna-se aqui, em si mesma, a ação de retirar e deslocar (como no inglês *to peel*).

A pele possui uma virtualidade de desaparego, uma capacidade de de se retirar e de se separar da carne que ela envolve. O esfolado mantém a forma inteira do corpo e todas as características de sua atividade em vida, e portanto mesmo assim sabemos que se trata aí de uma espécie de monstro, de robô ou de mutante inquietante, senão repulsivo, pois exhibe aquilo que não é para se ver: que não só permanece escondido sob a pele, mas que precisamente está escondido porque toda esta maquinaria deve animar a pele sob a qual se move, palpita, respira e metaboliza.

O descolamento tendencial da pele corresponde à sua função essencial, que não é simplesmente o de embrulhar, mas desenvolver isto que ela envolve: expô-lo, colocá-lo para fora e no mundo. O esfolado mítico chama-se Marsias. É um sátiro esfolado por Apolo para puni-lo por querer competir com ele. Apolo tocava a lira, Marsias, a flauta. O sátiro se apropria de uma flauta que Afrodite tinha abandonado porque suas bochechas se distorciam enquanto tocava. O Sátiro não se importa com as bochechas infladas e toca admiravelmente. De acordo com algumas versões do mito, sua pele esfolada continua ao menos a ressoar na música que não vêm da lira.

O instrumento de Apolo é afinado segundo valores precisos e harmoniosos; a flauta é apaixonada e vibra sob a respiração, como a voz, ventos e trovões: assim, Platão condena a segunda em benefício a lira. A

⁵[NT : a palavra casca das frutas e pele é a mesma em francês]

flauta, além disso, é tocada em banquetes por prostitutas [*filles de joie*]. Portanto por isso a Afrodite Urania⁶ é quem renuncia a inflar suas bochechas, enquanto a Pandemos⁷ e a Ctónica⁸ certamente compartilham seu instrumento com o sátiro.



Imagem: Apolo esfolando Marsias; quadro de Ribera comentado por Stéphane Dumas na sua análise do mito de Marsias.⁹

A pele desenvolve a respiração, o élan, a pulsão e a vibração do corpo. Se a alma é a forma de um corpo vivo, então a pele está em conformidade com esta forma: empalidece e fica avermelhada com ela, se faz suave ou áspera, tremula, ela eriça seus seus pelos, modela suas inclinações, suas elevações e suas dobras. A pele se tensiona, se distende, se dobra e torna fibrosa.

A pele se modifica, modula sua espessura e sua elasticidade, tende para o couro ou para o tegumento, tende para a pequena pele ou para a membrana (invólucro de um membro ou parte do corpo). Ela se umidifica e se invagina, torna-se mucosa, lábios e imperceptivelmente se transforma em garganta, vísceras, enfim, em via de acesso ou de saída: o esfolado se desenvolve na pele pelo seu envolvimento, suas narinas respiram, seus poros transpiram, seus esfíncteres se contraem e se soltam, suas pálpebras

⁶[NT: epíteto de Afrodite celeste, nascida da espuma do mar]

⁷[NT: epíteto da Afrodite comum, "de todos os povos"]

⁸[NT: epíteto da Afrodite terrena]

⁹Stéphane Dumas é um artista e teórico da pele na arte. Cf.: http://www.stephanedumas.net/index.php?option=com_content&view=article&id=58&Itemid=79

desvelam ou velam o mundo, a cartilagem das orelhas vibra, os sexos incham e revelam uma carne viva (*chair*) íntima, não-esfolada [*inécorchée*], sem crueldade em sua suave crueza.

À flor da pele

A flor designa a extremidade da planta e daí leva em latim o significado de «parte mais nobre», da mesma maneira que (a flor) da farinha, do sal ou do cobre. A flor é espuma, flocos, pó ou perfume, fragrância de superfície. É leve, suave, dificilmente palpável, ao mesmo tempo que oferece o aspecto o mais delicado, mais refinado, sutil e sensível da substância da qual apresenta a face ou de cuja aparição ela efetua. Na flor também vem a cor, a intensidade da substância jorrando para fora de si. A flor é excitação: chamado ao fora, chamado do fora.

"À for da pele" é o roçar: a passagem mais próxima possível, o contato mais leve também, mas sem permanecer à margem. Tocando de modo a não se apoiar. Tocando menos a pele do que sua flor: sua penugem ou ela mesma, na medida em que faz voltada para fora, a película ínfima de sua face exposta, desprovida de espessura e signo e ainda assim, de uma profundidade infinita. Signo ou sinal, presságio, promessa. A pele promete nunca parar de se espalhar, de se oferecer, de se aprofundar. Ela garante que este corpo está todo nela, que ela mesma é este corpo e, portanto, que é sua alma.

O corpo floresce, eclode em sua pele, a pele é sua eclosão. É isto que se nomeia alma ou vida, mistério, presença e fascínio. Também é seu rosto, sua tez, seus modos, seu caráter, seu pensamento, sua verdade. A flor anuncia o fruto, que é a resposta ao seu apelo, o encher-se de uma nova carne sob uma nova pele, outra intensidade cromática (*chrôma* refere-se originariamente à tez da pele) e a iminência de um sabor e de um suco, licor saído da carne.

Associações de pele e frutos são frequentes: uma *pele de pêssigo, bochechas como uma maçã, "teus seios são cachos de minha vinha",* e toda a magia das máscaras de morango, kiwi, abacate ou do limão... Pele anuncia e promete a fruição [*fruition*], esse termo desaparecido em francês que agora reaparece em inglês e que é um equivalente de gozo

[*juissance*]. Como o último, a fruição se presta à ambivalência - ou simplesmente ao *ambitus*, no sentido musical - isto que se joga entre a posse e o júbilo. No entanto esta ambivalência e este *ambitus* se dão diretamente na pele: a tomamos, a aproveitamos e nos abandonamos a ela, a gozamos.

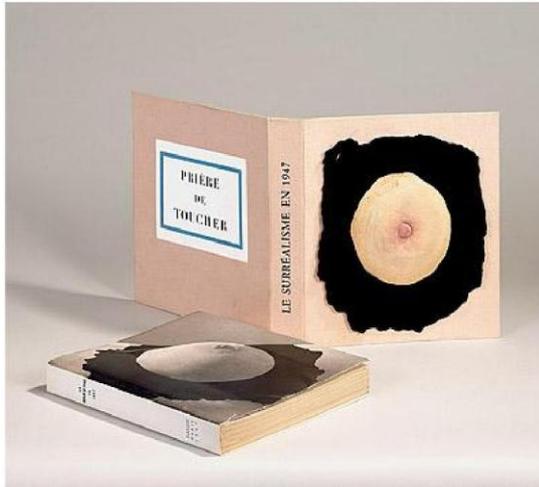
A carícia aflora e faz aflorar sua reação: o estremecimento da pele que responde e que vem ao encontro. O simples contato com a pele já implica o acordo de uma proximidade ou ao menos a garantia de uma benevolência: *shake hand*, *abraço*, *accolade*¹⁰ ou *hongji* (esfregar os narizes em maori), sem excluir as saudações onde os corpos não se tocam entre eles mas cada um a si próprio (mão no coração, reverência para o chão...). Mas a carícia abre mais e menos do que um contato, ela se move e se comove, se ela é recebida. É por isso que a pele se move e repete seu movimento. Ela *toca* no sentido em que estremece, perturba, agita ou chacoalha, excita e acalma-se a si própria, tanto quanto a outra pele.

Tocar tabu

Nenhum tabu é mais difundido do que o toque, desde as regras múltiplas e complexas de certos códigos rituais (tocar os mortos, tocar objetos sagrados, partes do corpo, vestuário, etc.) até as atuais regras do contato (por exemplo o simples contato acidental de mãos em uma multidão). Em um sentido amplo, pode-se dizer ainda que "tabu" significa "proibido de tocar". Não é por acaso que Marcel Duchamp tenha intitulado "Favor tocar" a imagem em relevo de um seio afixada na capa de um catálogo de exposição. Tocar implica sempre mais e menos do que o que é evocado pela palavra "contato". Mais? Porque o contato é reduzido a uma configuração em relação - é por isso que o termo pode ter um sentido técnico e funcional - enquanto o toque compromete ou pelo menos evoca uma intimidade, mas menos na medida em que o contato garante uma transmissão (de informação ou de energia), enquanto o toque não comunica nada determinado: ele se aproxima, experimenta, apalpa. Esse verbo significa ambos, "experimentar pelo toque" e o "tocar suavemente",

¹⁰[NT: saudação carinhosa em francês - *accolade* é um abraço leve, sem muito contato físico]

ao passo que "tatear" [*tâtonner*] indica o tocar meio hesitante de alguém que procura orientar-se sem ver.



<http://nga.gov.au/Exhibition/softsculpture/Default.cfm?IRN=189001&BioArtistIRN=8663&MnuID=3&ViewID=2>

Tocar se funda na obscuridade. Sob os meus dedos, a luminosidade do corpo do outro é transformada na noite que é criada entre nossas duas peles. Esta noite nos é comum, aproxima-nos e separa-nos ao mesmo tempo. Tocar não abole jamais a distância entre nós, mas faz a distância se metamorfosear em aproximação. Não em contato, mas sim na vinda. Não na presença, mas sim na aparição. Não o "estar aí" mas em uma maneira de "passar por aí", de assombrar, de frequentar - palavra estranha, já que este verbo (francês, espanhol, italiano, às vezes importado do inglês) mudou de valor de "grande número, multidão, assembleia" para o sentido "relações repetidas, assíduas" até eventualmente designar (em uma linguagem um tanto desatualizada) a abordagem amorosa (entre "fazer a corte" e "sair com" como se diz hoje).

O toque frequenta a pele: se aproxima, visita-a, a observa – tanto na acepção de "olhar, examinar" quanto no sentido de "respeitar, conformar-se". O toque é um olhar que se conforma plenamente a seu objeto e é por esta razão que ele o retira da objetividade do visível, não o coloca mais diante dele, mas contra ele.

O contato pele a pele se conecta, se adapta, se põe de acordo com suas linhas, seus modelos, seus pensamentos leves, voláteis, cujos aromas flutuam nela. O tabu está aí, no intervalo delicado das peles, no entre-dois onde não para de vibrar a frequência muito alta do íntimo, ou

seja, deste superlativo do interior, de tal modo que nada o pode exceder, se não por um comparativo, por definição impossível: *interior íntimo meo*, é o Deus de Agostinho, mas é evidente que foi em uma carícia que ele descobriu essa formulação.

O tabu pronuncia: não me toque, toque em mim mas longe de mim.

Assim, Proust escreve: "meus olhos pousavam sobre sua pele e meus lábios, a rigor, poderiam ter acreditado que tinham seguido o meu olhar. Mas não era só seu corpo que eu queria alcançar, era também a pessoa que vivia nele e com a qual havia apenas um tipo de carícia, capaz de chamar sua atenção, com a qual havia apenas um tipo de penetração, capaz de despertar nela uma ideia (Proust, 1978, p. 71).

Zonas

O corpo inteiro – quer dizer, a pele toda inteira – é suscetível, como bem observa Freud, de converter qualquer lugar de sua superfície em zona erógena. Ou seja, em uma zona onde a sensibilidade se abre ao desejo sexual. Este desejo, na verdade, é um desejo que carrega todo o corpo e especialmente o corpo enquanto pele, ou seja, um corpo afastado seus órgãos e suas funções (embora a função reprodutiva esteja presente, ainda assim não é necessariamente sempre buscada - e talvez por aí tenhamos a indicação de que a reprodução é em si algo (a) mais e diferente de uma função). Um corpo para além das funções, um corpo que já não está mais apenas no mundo da percepção e da ação, mas que é uma pele no mundo de outra pele.

Uma zona não é um lugar, de fato. Nem uma região, nem um lugar, nem um terreno. Isso seria antes de tudo uma desterritorialização diretamente no território ou um território como uma divisão e deiscência de si mesmo. A palavra grega *zone* é formada sobre o ato de se cingir; a cintura de muitas roupas antigas servia para variar o comprimento da vestimenta, retido por cima dela e em cuja caimento se produziam diversos efeitos de plissados e drapeados. Da mesma maneira como *zoner* na gíria francesa contemporânea [*argot*] significa "andar sem rumo" e refere-se à zona enquanto área suburbana mal definida e mal frequentada, da mesma forma a pele zoneada é a pele erotizada, não-relacionada às funções

dérmicas ou dermatológicas, mas à finalidade sem fim de sexo, seja para gozo ou para reprodução.

Pois a reprodução tem um fim apenas, a saber, o advento de um ser ele-mesmo aberto para além de qualquer finalidade e é também porque gozar se lhe associa, enquanto seu próprio fim infinalizável. Quando o gozo é associado a uma concepção, é o gozo do ser que está por vir, de sua vinda, de início, e depois do seu próprio gozo, que se encontra aberto.

A zona representa uma distinção, uma diferenciação não somente conforme à extensão, mas de acordo com a finalidade e a construção do corpo. É uma forma de desconstrução, incluindo um acesso à construção [*struction*] - o amontoamento caótico, ao invés de um conjunto coerente. Cada zona goza por si mesma e segundo uma distribuição própria a cada uma. Quando se trata das zonas ditas "genitais", ocorre um retorno para a função e para o órgão ao mesmo tempo em que a excitação cresce e derrama-se nessas zonas em conformidade com as alterações da pele, em tecidos chamados de "muco-cutâneos" na poesia anatômica.

Mesmo quando permanece cutânea ou dérmica, a zona já engaja a pele em uma variação de seu modo ou de seu regime. Já não envolve mais (função cutânea), a palavra grega *kutos* que resultou em *cyto-*, prefixo celular) e já não protege mais (função dérmica), *derma* tendo sido originariamente a pele desanexada da pele, couro ou película: antes ela despreza e expõe.

Fala-se de "reação epidérmica" tanto em um sentido totalmente psicológico como também fisiológico, precisamente porque, em matéria de pele, os dois registros são, talvez mais do que em outros contextos, duas dimensões do mesmo ser. A epiderme é a pele erguendo-se para fora de sua superfície, se eriçando ou se colorindo, se estremecendo ou se retraíndo. É onde a pele entra em *mimesis* e em *methexis*: reproduzindo signos ("carne de galinha"[*chair de poule*: pele arrepiada] por exemplo) e tomando parte na desordem.

A zona constitui uma possibilidade de desordens. É um mar agitado por ventos, uma terra sacudida por dançarinos, uma nuvem pressionada ou esticada, um vôo, uma batida, uma palpitação. Quando se encontram no abraço, as peles se separam tanto como é possível de sua natureza de invólucro e de fronteira: assumem muito mais o aspecto de adesivos,

argamassas, ou ainda de fitas, laços, cintas, bandas e lianas, também de bandeiras, de velas içadas e de cordas que as arriam. As peles alçam voo e se amontoam, se enceram, se enrugam e se molham.

As zonas são afligidas por cócegas, formigamentos, levadas a se estremecer, a tremer, a rir também e a se irritar, devoradas por inflamações, azedas como frutas verdes, impacientes, febris). São peles sonoras, que grunhem, gemem, clamam, sopram. Peles que esfregam e misturam seus suores, seus humores, suas espumas. Peles excitadas, excedidas, exasperadas, encantadas: existências exorbitadas, nudezas.

“Tenho-lhe na pele”

É o mesmo Proust quem escreve que os sonhos se realizam nisso que se chama comumente de “colocar uma mulher na pele” (Proust, 1978, p.911). “Edith Piaf cantava “tetenho na pele”(jet’ai dans la peau), e Diana Krall, “você está sob minha pele”[I got you under my skin]. Esta forma de dizer difere daquela outra segundo o qual alguém se coloca “na pele de um personagem”, onde se trata sobretudo de escorregar em um invólucro, um traje e um papel. “Entrar na pele”, significa, como canta Diana Krall:

I have got you deep in the heart of me

So deep in my heart, you're really a part of me

O outro é pressionado (a) para o mais profundo e inserido, instilado, espalhado por toda a pele, incorporada à ela, vibrante e viva com e como ela. O outro penetra como um sonho: sem mediação, sem transição ou tradução. Sem demora, instantaneamente, entra em um presente que não transcorre, nesta co-presença que é o próprio e a força dos sonhos. Como as cenas e figuras sonhadas, os seres que temos na pele - coisas, plantas, animais, pessoas - são fantasmas, espíritos que nos frequentam e nos assombram, ocupando-nos, nos obcecando, nos possuindo.

Não apenas objetos ou assuntos que desejamos, não somente formas ou substâncias notáveis que mantém nossos gostos em suspense ou excitam as nossas fantasias, mas também detalhes, minúcias, um grão de café ou um pano podem se introduzir na nossa pele, para nos impor os seus aspectos, seus ares. Sem que possamos nos defender entram na nossa pele asperezas, maciezas, securas, estrias, fumaças, pulsões e desordens. A pele apalpa, manipula, coleta e trata tudo o que vemos, ouvimos e respiramos.

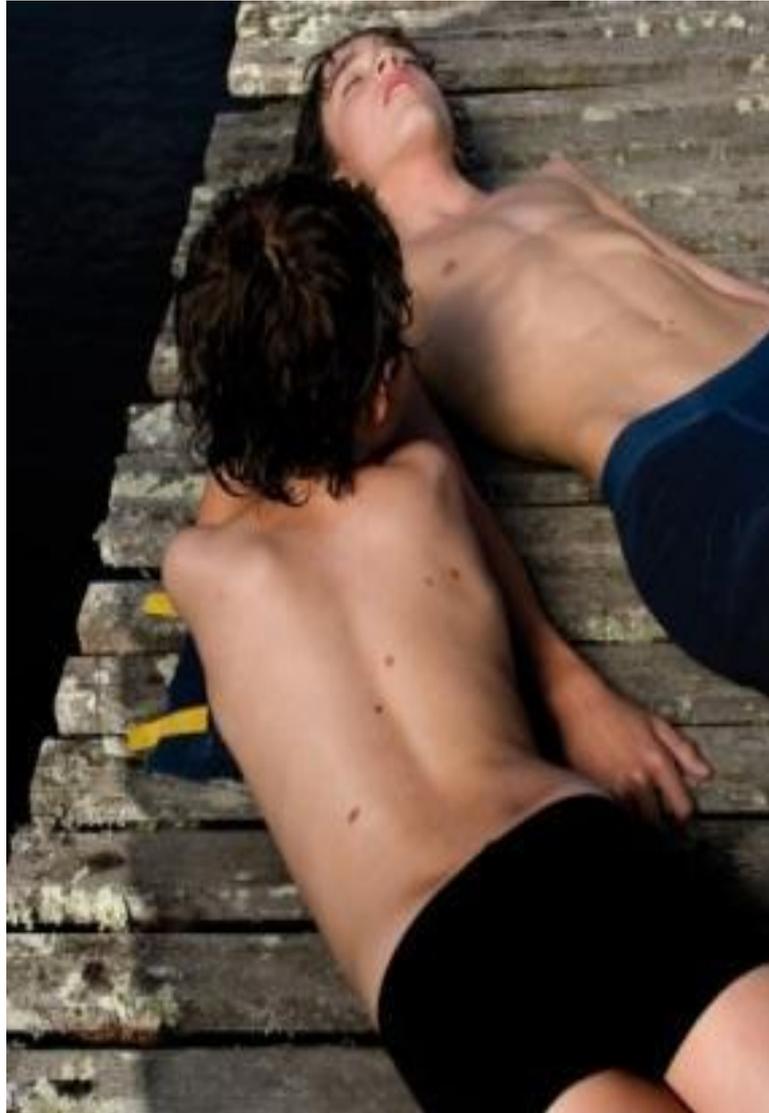


Imagem do filme de Gilles Martinerie, *Le Diable dans la peau* (2013).

"O retorno imediato do organismo exterior nele mesmo é a pele, através do qual este organismo torna-se uma relação consigo mesmo" (*Encyclopédie*, p. 657), escreveu Hegel, que considerava a pele como a primeira diferenciação de tecidos, do qual derivariam todas as outras diferenciações dentro do corpo.

O que temos na pele não é isto que ela cobre mas isto que ela é: o tegumento cuja textura da pelagem e grãos constituem o que nós somos, fenômenos esfoliados, coisas em si cuja natureza profunda se dá no seu parecer e no seu se expor através de todos os seus poros, no seu expirar e inspirar por toda a extensão demarcada de suas peles as maneiras infinitamente delicadas e sensíveis de seus seres.

Este texto foi escrito para o simpósio “Cuerpos y Corporalidades”, realizado na Universidad San Francisco de Quito/Equador, 21-23 de novembro de 2013.

Referências Bibliográficas

PROUST, Marcel. *A la recherche du temps perdu, A l'ombre des jeunes filles en fleurs*, Paris : Pléiade, vol. I, p. 71.

PROUST, Marcel. *A la recherche du temps perdu, Le temps retrouvé* », Paris : Pléiade, vol. III, p. 911.

Encyclopédie, Philosophie de la Nature, adição ao § 354, trad. de Bernard Bourgeois, Gallimard, 2004, p. 657.